I.

Incêndio em Pedrogrão Grande é um dos mais mortíferos da Europa nas últimas décadas. Analisamos a resposta europeia ao pedido de ajuda de Portugal.

Helmut Kohl, arquitecto da reunificação alemã e da moeda única europeia morreu aos 87 anos. Olhamos para os principais momentos do percurso político do homem que mais tempo governou a Alemanha no pós-guerra.

E na edição de hoje um balanço sobre a visita de estudo de alunos e professores do Programa Académico da União Europeia para Macau a Portugal e Bélgica.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

Em Portugal, os incêndios no centro do país causaram 64 mortos, mais de 200 feridos e mais de 150 desalojados. Um balanço provisório aponta para cerca de 53 mil hectares de área ardida.

O combate às chamas mobilizou cerca de 3000 operacionais; mais de 900 veículos terrestres e 22 meios aéreos.

Bruxelas respondeu de imediato ao pedido de ajuda de Portugal.

Na altura, Carlos Gordejuela, porta-voz para da comissão europeia para a ajuda humanitária e gestão de crises, referiu que a Europa está pronta para mais.

Claro que estamos completamente prontos e disponíveis para responder a outros pedidos de ajuda através dos Estados Membros que participam nestes mecanismos.

E a porta-voz da comissão europeia para os assuntos financeiros, Annika Breidthardt, disse as despesas desta ajuda não deverão contar para o cálculo do défice.

De acordo com as regras da União Europeia, as despesas de emergência a curto prazo em resposta a grandes e excepcionais catástrofes naturais, podem ser classificadas como pontuais e devem ser excluídas dos cálculos do esforço estrutural orçamental dos estados-membros.

Portugal ficou satisfeito com a ajuda europeia. O ministro dos negócios estrangeiros português, Augusto Santos Silva, disse que a resposta foi imediata.

Certamente que recorreremos também ao fundo europeu de solidariedade. Ele existe justamente para nos ajudarmos uns aos outros na resposta a estes eventos muito difíceis. A seu tempo o faremos. O que eu tenho a dizer é que todos os pedidos que nós fizemos no quadro europeu foram imediatamente respondidos.

Na madrugada de domingo, o Centro de Coordenação de Resposta de Emergência da Comissão Europeia recebeu um alerta de Portugal. Espanha, França e Itália responderam de imediato.
Ao todo foram enviados para o país sete aviões, 135 bombeiros apoiados por 29 veículos e ainda 42 mapas de alta definição.
O Incêndio de Pedrógão Grande é o terceiro com maior número de vítimas mortais na Europa nas ultimas décadas,a penas ultrapassado por um incêndio na Grécia, no Verão de 2007, quando morreram 77 pessoas. E também por um outro incêndio em França, há quase 70 anos, onde morreram 82 pessoas.

Ao telefone a partir de Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

ME: Victor, como é que olha para esta solidariedade europeia?
VA: Os incêndios, e nomeadamente o incêndio em Pedrogão Grande, tiveram um grande impacto mediático na Europa e os europeus em geral sentiram muita solidariedade em relação aos portugueses. Por outro lado, também é claro que neste momento há na Europa uma resposta colectiva em termos de meios postos à disposição dos bombeiros e da protecção civil para responder a este tipo de catástrofes naturais. Simplesmente, estas catástrofes naturais são muito rápidas, quer dizer, o incêndio propaga-se muito depressa e por vezes os meios não chegam com a rapidez necessária, porque apesar de tudo há a distância. Isto leva as instâncias europeias a pensar que a primeira capacidade de resposta tem de ser desenvolvida ao nível local, depois ao nível nacional, e o apoio vindo dos outros países europeus é um apoio mais estrutural, é um apoio de fundo que só sera últil se o fogo demorar muito tempo a ser debelado e a ser controlado.

ME: E neste momento, os estados-membros têm meios para fazer face a crises desta dimensão nos próprios países?
VA: Não têm. E há vários estados europeus, nomeadamente o caso de Portugal, em que o sistema de resposta aos incêndios ainda continua a ser um sistema de resposta muito tradicional, ou seja, baseado no bombeiro voluntário, na associação local de bombeiros que são pessoas que têm outros empregos. É verdade que também nos últimos anos, e nomeadamente em Portugal, houve uma intensificação da formação e do treino destes bombeiros voluntários, mas a verdade é que a dimensão destes problemas por vezes exige sapadores profissionais, ou seja exige meios que mobilizem homens e mulheres capazes de responder a estas questões de um modo muito professional, altamente

especializado, com uma grande capacidade de treino e uma grande capacidade de resposta imediata.

ME: E perante este tema é inevitável falar do aquecimento global Pode dizer-se que Portugal e as florestas portuguesas também estão a aquecer?
VA: A média da temperatura, também no Verão, tem subido e a verdade é que uma boa parte do país este ano estava bastante seco, aliás uma boa parte da Europa está bastante seca. É uma das novidades, digamos assim, do aquecimento global, é que os verões são muito mais quentes e muito mais secos do que eram antigamente. No caso por exemplo da Bélgica em que durante o Verão costumava chover, durante alguns dias chovia, e agora nós temos tido uns verões, um início de Verão muito seco. Isso evidentemente cria as condições propícias à propagação rápida de qualquer tipo de incêndio.

ME: E no que diz respeito à questão do ordenamento da floresta em Portugal, o que é que tem falhado nos governos?
VA: A floresta e o ordenamento do território em Portugal tem sido sempre, e sobretudo desde o 25 de Abril, ou seja, a partir do momento em que Portugal se começou a desenvolver, tem sido um fracasso. Por isso, atribuir a culpa ao governo actual ou ao governo precedente é absolutamente não ter em conta que temos várias décadas de mau ordenamento do território, ou seja, nós temos utilizado o território nacional de maneira caótica. Nota-se isso nas florestas, nota-se isso nas zonas costeiras, nota-se isso na maneira como se desenvolveu o turismo, ou seja, nós temos um problema de fundo muito grande, que é um problema de indisciplina ambiental, um problema de insuficiência institucional do Estado português e temos também um grande problema, que é o problema de que em muitas zonas rurais predomina o minifúndio e as pessoas não têm condições económicas para manter as florestas, para manter as parcelas de terreno que herdaram da família e, por isso, acabam por deixar as florestas ao abandono.

III.

Obreiro da reunificação alemã, também da moeda única, Helmut Kohl morreu no dia 16 deste mês aos 87 anos. A jornalista da Antena 1, Cristina Santos, recorda os principais momentos do percurso político do chanceler que governou a Alemanha durante mais tempo no pós-guerra.

Pai da reunificação da Alemanha, um pilar na construção europeia ou o chanceler que ficou mais tempo no poder. Qualquer uma destas frases é utilizada para sintetizar parte do legado de Helmut Kohl. O antigo chanceler ficou também com a alcunha do bom gigante por causa da elevada estatura física.
Na biografia de Kohl destaca-se o facto de ter sido o chanceler que governou a Alemanha durante mais tempo no pós-guerra. Foram 16 anos no poder, que tiveram também como um dos pontos altos o facto de se tornar o primeiro chanceler da Alemanha reunificada, em 1990. Foi então que Helmut Kohl destacou a importância, mas também as vantagens dessa reunificação.

O político democrata-cristão também desempenhou um papel preponderante fora da Alemanha e no coracão da Europa. Helmut Kohl teve um papel fundamental no processo de integração e alargamento da Europa, começando no aprofundamento da reconciliação franco-alemã, juntamente com François Mitterrand e culminando na criação do Euro.
Ao longo da vida politica, enfrentou várias polémicas. Por exemplo, no final da década de 90, com os escândalos de financiamento da campanha eleitoral. Mais recentemente o tribunal regional de Colónia determinou o pagamento de uma indemnização de um milhão de Euros a Helmut Kohl por danos morais. Foi o maior valor já estipulado em casos semelhantes na Alemanha. Em causa um livro escrito pelo ex-biógrafo do antigo chanceler, então e de acordo com Helmut Kohl, a obra continha declarações imprecisas ou fora de contexto. Entre as passagens constrangedoras estão referências a Angela Merkel, por exemplo, Kohl teria afirmado que ela não consegue segurar o garfo e a faca como deve ser.

ME: Victor, Helmut Kohl teve um papel importante na reunificação das duas Alemanhas. Convenceu também os mais cépticos a sair do marco alemão. É inegável então este papel que teve na união do continente europeu.
VA: Eu penso que Helmut Kohl foi um gigante europeu. Ele foi um dos contribuintes fundamentais para o fim da Guerra Fria, foi um dos artesãos que contribuiu de modo decisivo para o fim da rivalidade entre o Leste e o Oeste europeu. Isso depois levou – e isso é o segundo aspecto que eu frisaria – à unificação da Alemanha. O terceiro aspecto é o facto de Helmut Kohl ter contribuído de modo decisivo para a construção europeia. Ele percebeu que a França e outros países do centro da Europa nunca aceitariam uma Alemanha forte e unificada se isso não fosse acompanhado também por um processo aprofundado de integração e de construção da Europa. Foi também o arquitecto fundamental da criação do Euro. Foi um gigante com algumas fragilidades, nomeadamente fragilidades em relação à crise nos Balcãs. Ou seja, a política que ele seguiu em relação à antiga Jugoslávia e, ao mesmo tempo, ao reconhecer de maneira muito rápida e prematura a independência da Croácia e da Eslovénia, isso aprofundou a crise nos Balcãs, levou às guerras terríveis que aconteceram nos anos 90 naquela parte da Europa e, em certa medida, a questão da Guerra Civil dos Balcãs tem de estar associada às hesitações e à tomada de posição partidária que Helmut Kohl tomou nessa altura.

ME: E como é que Helmut Kohl olhava para a Europa de hoje em dia?
VA: Ele achava que a Europa não tinha o tipo de liderança que é precisa, tinha perdido os ideais em termos do que significa a construção europeia e nomeadamente tinha perdido a alma do que é a construção europeia, que é a questão da paz e da solidariedade económica entre estados europeus. É preciso não esquecer que Helmut Kohl vinha de uma região fronteiriça entre a Alemanha e a França. Helmut Kohl e a sua família tinham conhecido gerações e gerações de guerras entre a Alemanha e a França e ele sabia perfeitamente que uma Europa dividida e uma Europa desigual do ponto de vista económico, seria sempre uma Europa que conduziria à guerra, ao conflito, conduziria evidentemente a perdas

de vidas. E ele pensou nos últimos anos que este tipo de problemáticas foi esquecido.

ME: E o que é que os líderes de hoje podem reter, podem aprender com a liderança de Helmut Kohl?
VA: Helmut Kohl nunca se preocupou com os pormenores, nunca se preocupou com as pequenas coisas. Ele tentou sempre ler os acontecimentos com base numa perspectiva histórica, com base numa perspectiva profundamente estrutural, em que medida é que isso afectaria ou não a construção da Europa, em que medida é que isso afectaria ou não as economias e o nível de vida dos europeus e, por isso, a maneira como os europeus se veriam uns aos outros. Ou seja, ele ia ao fundo das coisas. E ele nos últimos anos achou que os líderes europeus estavam demasiado superficiais, estavam demasiado despreocupados com o dia a dia, demasiado preocupados com os meios de comunicação social e as sondagens de opinião e não com as grandes questões das tendências históricas e da transformação, que neste momento é absolutamente visível na Europa mas que ainda não encontrou um politico que consiga expressar de maneira clara e que consiga mobilizar as populações europeias no sentido de levar a transformar as suas próprias vidas, tendo em conta os novos desafios que a Europa e o mundo tem.

IV.

Ao telefone, Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa. Para a semana voltamos à conversa.

E este ano o Programa Académico da União Europeia para Macau voltou à Europa com um grupo de alunos e de professores da Universidade de Macau e do Instituto de Estudos Europeus de Macau.
O grupo esteve na Bélgica, onde visitou a Comissão Europeia, o Serviço de Acção Externa da União Europeia. Participou também numa conferência na Universidade Livre de Bruxelas e o foi até ao Museu Belvue na capital belga.
Em Portugal, os 18 participantes passaram pela Assembleia da República, tiveram um encontro com a secretária de Estado dos Assuntos Europeus, foram recebidos pelo presidente da Câmara Municipal do Porto, e reuniram-se também com o presidente da república Marcelo Rebelo de Sousa. O programa em Portugal incluiu ainda passagens pelo Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, Museu Nacional Machado Castro, em Coimbra, e a Fundação Serralves, no Porto. Houve ainda uma conferência no Instituto de Economia e Gestão e visita ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Politicas, em Lisboa, e à Universidade de Coimbra.

O Presidente do Instituto de Estudos Europeus de Macau, José Luís Sales Marques, que liderou esta delegação, dá-nos conta de um dos mais altos momentos altos desta visita.

JLSM: Fomos recebidos pelo senhor Presidente da República, com aquela simpatia, abertura e também como toda aquela sabedoria que ele tem e que sabe transmitir, falando também das relações entre Portugal e a China, do seu estado actual de excelente relacionamento, de algumas perspectivas futuras.

ME: E os alunos que balanço é que eles fizeram?
JLSM: Os alunos ficaram maravilhados, acho que não há outra palavra para descrever, quer pela riqueza cultural e também do próprio ambiente urbano de grande vitalidade que hoje se vive particularmente nas grandes cidades de Lisboa e do Porto – Coimbra é algo diferente – e sobretudo sentiram uma grande facilidade, uma grande proximidade com figuras máximas da política e do Estado português.

V.

E antes de terminar, uma nota cultural para uma palestra sobre o futuro das relações entre o Reino Unido e a Irlanda.
O cônsul-geral da Irlanda para Hong Kong e Macau vai estar hoje às seis e meia da tarde na Fundacao Rui Cunha.
Peter Ryan vai falar sobre a perspectiva irlandesa do BREXIT.
Com apoio do Programa Académico da União Europeia para Macau, a palestra vai ser conduzida em lingua inglesa. A entrada é livre.

Até para a semana!

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.